

## PERSPECTIVAS DOS NEGOCIOS FLORESTAIS EM 2011

Num panorama econômico globalizado, os efeitos de mudanças sociais, políticas, culturais e tecnológicas refletem-se nas economias regionais de cada continente. A nova ordem econômica que se tem configurado nos últimos anos reposiciona países emergentes entre as nações mais desenvolvidas do planeta e sugere novos arranjos institucionais, políticos, culturais e comerciais entre esses, delineando novos rumos para os negócios em intensidade e formatos diferentes, tornando-os mais complexos e mais desafiadores. Para o Brasil, as mudanças globais e internas têm sido bem vindas e as perspectivas são de bons negócios e investimentos para vários setores, incluindo o florestal.

O ano de 2010 terminou com um retrato positivo do setor industrial brasileiro, com crescimento de 10,5% - o maior desde 1986. Apesar das dificuldades com o câmbio, conseqüentemente com a exportação, e a evidência de que o país ainda é falho em mão-de-obra especializada, os números apontam que o fantasma da crise mundial ficou lá em 2009.

Mesmo embora as previsões para 2011 mostrarem que os números de crescimento deste ano serão menores que os de 2010, especialistas afirmam que não há motivo para preocupações. O *boom* econômico do ano passado foi decisivo para equilibrar a economia, e a partir de agora, o país começa a se estabilizar. Com crescimento do PIB de 7,5% em 2010, o ministro da fazenda, Guido Mantega, estima que em 2011 o valor fique em torno de 4,6%.

Neste cenário promissor para a economia brasileira e para o setor florestal de modo geral, a conjuntura do Centro de Inteligência em Florestas, deste mês de fevereiro, analisa as perspectivas para os principais segmentos do setor florestal brasileiro no ano de 2011.

### **Segmento de Celulose e Papel**

O segmento brasileiro de celulose e papel fechou o ano de 2010 com crescimento da produção e das exportações em relação ao ano de 2009, segundo a Associação Brasileira de Celulose e Papel (BRACELPA). A indústria brasileira de celulose produziu cerca de 14 milhões de toneladas em 2010, o que corresponde a um aumento

de 5,6% em relação a 2009. Já a produção nacional de papel, em 2010, foi de 9,7 milhões de toneladas, um crescimento de 3,7% em relação a 2009. No total, as vendas domésticas da indústria de papel fecharam 2010 em 5,307 milhões de toneladas, 5% a mais do que em 2009, devido ao bom desempenho da economia brasileira.

Em 2010, as exportações de papel tiveram um acréscimo de 3,3% em relação a 2009, chegando a 2,074 milhões de toneladas, e as exportações de celulose cresceram 2,4% nesse mesmo período.

A expectativa é de que a produção de celulose e papel seja maior em 2011, assim como as exportações. Acredita-se que a produção de celulose alcance 22 milhões de toneladas até 2020, devido aos investimentos da ordem de US\$ 20 bilhões nos próximos nove anos.

No entanto, é importante ressaltar que o segmento está perdendo mercado para produtos chineses que entram no Brasil com *dumping* ou de forma fraudulenta. Além disso, o câmbio desfavorável às exportações gera perda de receita para o segmento.

No início deste ano de 2011, os preços da celulose nos Estados Unidos, Europa e em São Paulo apresentaram ligeira queda. Comparando o mês de dezembro de 2010 com janeiro de 2011, observa-se uma redução de 1,6% e 1,5% nos preços da celulose de fibra curta na Europa e em São Paulo, respectivamente. Para a celulose de fibra longa, a redução nos preços foi de 0,66% e 0,13% na Europa e nos Estados Unidos, respectivamente (FOEX, 2011; CEPEA, 2011).

Para os papéis A4 e *offset* em bobina, os preços em janeiro de 2011 ficaram estáveis em relação a dezembro de 2010, no Estado de São Paulo. Na Europa, os preços do papel A4 e do papel revestido para revista aumentaram 0,72% e 2,15%, respectivamente, devido à elevação da demanda (FOEX, 2011).

### **Segmento de Produtos Florestais não-madeireiros**

No mercado de produtos florestais não madeireiros, o ano de 2011 iniciou com preços crescentes para a borracha natural e para o palmito no Estado de São Paulo. Para a borracha natural, o preço em janeiro de 2011 foi de R\$3,05/Kg, e para o palmito, R\$10,25, a lata de 300 gr. Houve um aumento de 3,7% nos preços da borracha natural e de 2,8% nos preços do palmito em São Paulo, considerando dezembro de 2010 e janeiro de 2011. Nesse mesmo período, no Espírito Santo, o preço do palmito ficou estável e em torno de R\$0,83/Kg. O preço da resina *Elliottii* Fot-

Fazenda aumentou 0,4% e o da resina Tropical Fot-Fazenda reduziu 3,6% no país, para o mesmo período de análise (CEASA/ES, 2011; APABOR, 2001; IEA, 2011; ARESB, 2011).

O aumento nos preços da borracha natural em São Paulo, maior produtor nacional, pode ser explicado pelas fortes e constantes chuvas no Estado que diminuíram a oferta do produto.

No mercado internacional, o preço da borracha natural também apresentou alta devido à baixa oferta dos principais produtores mundiais em razão do clima desfavorável e do aumento da procura, uma vez que a indústria pneumática está aquecida, com exceção de Cingapura onde os preços ficaram estáveis. De dezembro de 2010 a janeiro de 2011, os preços da borracha natural SMR 10 na Malásia aumentaram 14%. Na Indonésia, o aumento foi de 11,4 % e 14,4% para a borracha natural RSS1 e SIR 20, respectivamente. Na Tailândia, o preço desse importante insumo de produção teve um aumento médio de 9%, considerados os tipos de borracha natural RSS1, RSS2, RSS3, RSS4 e RSS5 (MRE, 2011; IRCO, 2011, SICOM, 2011).

As expectativas para 2011 são otimistas no mercado de produtos florestais não-madeireiros, devido ao aquecimento da economia mundial e o conseqüente crescimento das indústrias consumidoras. O palmito de pupunha, por exemplo, é lucrativo e tem mercado garantido no país, pois a demanda é muito grande.

As projeções do consumo da borracha natural mostram que vale a pena investir em novos seringais no Brasil. Até 2030, estima-se que a demanda nacional alcance um milhão de toneladas, sendo que a produção interna é cerca de 130 mil toneladas. Os preços são os maiores dos últimos 10 anos e o governo federal, com base nas perspectivas de mercado para produtos sustentáveis, criou mecanismos que beneficiam a heveicultura no Plano Agrícola e Pecuário 2010/2011.

### **Segmento Moveleiro**

As expectativas para o setor moveleiro para o ano de 2010 não eram totalmente otimistas. Supunha-se que o aumento do preço da matéria prima, o mdf, verificado logo no início do ano, anularia os estímulos do governo federal com a redução dos impostos para o setor (IPI e impostos sobre importação de chapas). Essas expectativas, entretanto, não se configuraram. Ao contrário, segundo dados do CSIL

Processing, o ano de 2010 foi um dos melhores para o setor nos últimos dez anos, quando foi constatado um crescimento do consumo nacional estimado em 15%. (<http://www.eshoje.com.br>). Esse consumo teria ocorrido principalmente nas grandes cidades, e, sobretudo, nas Regiões Sul e Sudeste, notadamente em São Paulo, o maior mercado consumidor do país. Esse aumento de consumo estaria atrelado, entre outros fatores, ao crescimento acelerado da economia brasileira, à redução dos impostos e taxas, ao maior poder de compra da parte da população brasileira economicamente emergente, ao maior volume de construção de habitação, dada à maior disponibilidade de crédito, e ao aumento da oferta de pranchas para móveis, dentre outros. O cenário econômico favorável possibilitou que a classe C fosse às compras e renovasse seu mobiliário em 2010. Uma pesquisa do Instituto DataPopular mostra que os gastos desse público com produtos como cama, sofá, armários, luminárias, tapetes e utensílios atingiram R\$ 17,9 bilhões. O montante é superior aos gastos das classes A e B, que no ano passado destinaram R\$ 15,8 bilhões a esses produtos. Estratégias inovadoras e bem sucedidas de venda massificada de móveis adotada pelo setor varejista estariam também contribuindo para alavancar esse crescimento do consumo do produto em todo o território nacional.

Para 2011, as estimativas da CSIL Processing são de um crescimento na faixa de 3 a 4% (em termos reais), um pouco menor que o crescimento do PIB, previsto em 4,5%. Segundo Francini da DEPECON/FIESP/CIESP (<http://www.slideshare.net>), numa análise de perspectivas para 2011 para as Micro e Pequenas Indústrias, entre as quais se encaixa a maior parte das indústrias moveleiras, os fundamentos da demanda garantem um mercado interno aquecido devido a um quadro estável de geração de empregos, de aumento de renda, de crédito e de expectativas positivas dos consumidores. Todo esse otimismo, no entanto, deve ser visto com certa cautela, uma vez que o aumento da inflação em janeiro levou o governo a medidas restritivas nos seus gastos, o que pode afetar o crescimento em geral. Com relação ao mercado externo, porém, prevê-se um quadro menos favorável, principalmente em relação à perda da competitividade do produto brasileiro, devido à sobrevalorização da taxa de câmbio, prejudicando exportações e barateando os produtos estrangeiros; à carga tributária excessiva, que encarece produto nacional e não é equiparada aos produtos importados e às elevadas taxas de juros comparativamente às praticadas fora do país. Não há sinais de reversão desse quadro no curto prazo.

### Segmento de Madeira Processada

As exportações brasileiras de produtos industrializados e manufaturados de madeira tiveram um crescimento de 14,25% (US\$ 1917,89 bilhões) em valor e 3,71% (3321,5 bilhões de toneladas) na quantidade exportada, no ano de 2010 quando comparado com 2009.

Em termos de valores, Paraná, Santa Catarina e Pará foram os três estados que mais exportaram em 2010. No entanto, comparado com 2009, os estados que apresentaram maiores variações percentuais positivas das exportações foram Amazonas (124%), Amapá (89,8%) e Paraná (21,7%). Já os estados como Maranhão, Minas Gerais e São Paulo tiveram reduções das exportações de produtos industrializados e manufaturados de madeira em 2010, comparadas a 2009 (Quadro 1).

Quadro 1 - Exportação brasileira de madeira (posição 44 da NCM/SH)

STADOS	2009		2010		Variação %	
	10 <sup>6</sup> US\$ FOB	(10 <sup>6</sup> Kg)	10 <sup>6</sup> US\$ FOB	(10 <sup>6</sup> Kg)	US\$ FOB	Peso (Kg)
Paraná	531,78	830,91	647,20	846,89	21,70	1,92
Santa Catarina	349,38	471,66	410,14	467,95	17,38	(-) 0,78
Pará	346,10	359,76	386,68	360,95	11,72	0,33
Mato Grosso	120,99	119,67	129,14	121,47	6,73	1,50
Rio Grande do Sul	111,29	872,84	108,85	840,38	(-) 2,19	(-) 3,71
São Paulo	100,03	164,95	91,18	135,03	(-) 8,85	(-) 18,14
Amapá	26,12	249,15	49,59	433,43	89,85	73,96
Rondônia	42,81	49,57	43,11	42,32	0,68	(-) 14,62
Amazonas	4,82	8,57	10,79	17,79	123,98	107,69
Mato Grosso do Sul	9,83	15,38	9,24	15,67	(-) 5,94	1,88
Minas Gerais	9,33	19,59	6,49	10,23	(-) 30,40	(-) 47,74
Bahia	2,63	6,76	2,32	4,63	(-) 11,45	(-) 31,48
Maranhão	1,00	0,79	0,12	0,07	(-) 88,42	(-) 91,20
Outros	22,53	32,98	23,06	24,69	2,34	(-) 25,14
<b>TOTAL</b>	<b>1678,63</b>	<b>3202,57</b>	<b>1917,89</b>	<b>3321,49</b>	<b>14,25</b>	<b>3,71</b>

Fonte: Departamento de Comércio Exterior – DECEX  
Elaboração e cálculo: AIMEX

Em 2011, de modo geral, espera-se que este aumento gradativo das exportações dos produtos de madeira processada se mantenha. Os Estados Unidos continua sendo um dos principais importadores de madeira do Brasil, tanto de nativas

tradicionais da Amazônia, como de outros tipos - paletes, aplainados e cercas de madeira produzidos na Região Sul. Porém, há alguma exportação de madeira serrada para outros países, principalmente no mercado asiático e oriental, além da África e Europa.

Com relação às importações de madeira pelo Brasil, também, a tendência é de expansão, pois, atualmente, o País vem importando entre US\$ 120 e US\$ 140 milhões por ano. Em setembro de 2010, empresários brasileiros abasteceram suas indústrias com R\$ 85 milhões em madeiras vindas de diversas regiões do mundo, como Estados Unidos, Argentina, Itália e Chile. Na comparação com o mesmo mês de 2009, a expansão foi de 79%, quando as compras internacionais somaram US\$ 47 milhões (Porthus Eventos, citado por Painel Florestal).

Com relação aos investimentos, o otimismo parece prevalecer neste segmento. Especialistas de mercado entendem que esse é o momento da indústria brasileira absorver tecnologia e dar um salto de produtividade para, nos médio e longo prazos, se tornar mais competitiva, já que o câmbio está favorável. Em Santa Catarina, vários setores importantes apostam nesse cenário e sinalizam investimentos em 2011 (Diário Catarinense).

Para o presidente do Sindimadeira, Israel Marcon, a expectativa do setor para 2011 é de estabilização nas exportações: "Esta é apenas uma retomada do que havíamos perdido em anos anteriores. Não estamos indo além, em números, se considerarmos o que já conseguimos no passado, mas sim conquistando de volta um pouco daquilo que deixamos de exportar e produzir". Para ele o setor vem dando sinais de recuperação e há uma movimentação das empresas em relação ao corte de florestas, além da retomada dos níveis de emprego. "Isso tudo deixa claro que o setor vem recuperando forças e que será possível que as empresas invistam em 2011, pois temos espaço para grandes investimentos, principalmente para utilização da matéria-prima mais abundante, que seriam as árvores jovens, de diâmetro mais baixo", aponta o presidente (Correio Lageano).

Nestes dois primeiros meses de 2011, os preços do metro cúbico de madeira serrada na Zona da Mata Mineira permaneceram estáveis, a saber: Angelim Margoso (R\$1.710,00), Cumaru (R\$2.300,00), Jatobá (R\$2.070,00), Eucalipto (R\$800,00) e Pinus (R\$520,00). A exceção foi o metro cúbico da Sucupira que teve um aumento em fevereiro de 3,28%, sendo comercializado a R\$1.890,00 (CIFLORESTAS).

## **Segmento de Carvão Vegetal**

Em 2010, a retomada do crescimento econômico mundial trouxe expectativas de reativação das siderúrgicas nacionais para produção do ferro gusa e, conseqüentemente, expectativa de aumento da demanda por carvão. Com isso, esperava-se que os preços de carvão voltassem aos patamares que prevaleciam no mercado antes da crise financeira mundial de 2008 e 2009.

A retomada econômica e as medidas do governo brasileiro para minimizar os efeitos da crise financeira, como a redução da taxa de juros e de alguns impostos, de fato, fizeram os preços de carvão esboçarem uma reação no início de 2010, mas esses voltaram a cair fortemente no início do quarto trimestre do ano. A expectativa de uma recuperação do segmento siderúrgico em 2010, portanto, não se confirmou, ficando grande parte dos fornos desativados.

Para 2011, as expectativas para o setor brasileiro de carvão são também animadoras. Prevê-se um melhor desempenho do setor em face de um mercado com uma demanda mais aquecida frente a uma oferta reduzida de carvão. Segundo o presidente do Sindicarv, Marcos Brito, o mercado já estaria mostrando sinais de recuperação desde dezembro de 2010 e prosseguido nessa direção, em janeiro de 2011. As produtoras de gusa e siderúrgicas de Minas Gerais já estariam antecipando suas compras de carvão, confiantes na recuperação no mercado de gusa e religando os fornos. Ainda, segundo Brito, as taxas de câmbio (do real em relação ao dólar) tem sido um grande problema para a indústria doméstica. Para ele, é necessário que o governo revise seu plano econômico, caso contrário, as exportadoras continuarão sofrendo: "Isso também afeta o consumo doméstico. Se as produtoras de gusa parar de exportar, elas vão interromper a produção e não comprarão mais carvão. É uma cadeia".

Segundo o Sindicarv, os preços médios do carvão brasileiro chegaram a cerca de R\$ 450-500/tonelada (US\$ 263-292/t) em 2010. A previsão para 2011 é que o preço médio chegue a R\$ 555-600/t, já que o mercado estará estreito, com forte demanda e oferta limitada. Atualmente, apenas 50% dos autos fornos de gusa de Minas Gerais e de Mato Grosso do Sul estão em atividade. Como a produção do Estado já não está sendo suficiente para atender a demanda, o ideal seria um aumento na produção e reativação da outra metade.

**Equipe do Centro de Inteligência em Florestas:**

Naisy Silva Soares - Economista, D.Sc. Ciência Florestal

Alberto Martins Rezende - Eng. Agrônomo, M.Sc. Economia Rural

Márcio Lopes da Silva - Eng. Florestal, D.Sc. Ciência Florestal

Altair Dias de Moura - Eng. Agrônomo, PhD. Agribusiness Management

\* Permitida a reprodução desde que citada a fonte.